



Discurso & Sociedad

Copyright © 2020
ISSN 1887-4606
Vol. 14(4) 881-904
www.dissoc.org

Artículo

Dentro ou fora do armário: sexualidades e discurso nos jornais esportivos.

*Inside or outside the closet: sexualities and
discourse in sports newspapers.*

Vivianne Oliveira Gonçalves
Universidade Federal de Jataí

Henrique Pereira
Universidade da Beira Interior

Resumo

O objetivo deste trabalho é investigar os discursos sobre atletas homossexuais no meio esportivo, expressos no ambiente da internet, a partir da análise de textos veiculados em jornais esportivos brasileiros, no período de 2016 a 2019. Se utilizou, como aporte teórico para a análise dos dados, a Análise do Discurso francesa. Os comentários dos leitores se alinham com a hegemonia masculina no esporte, sendo a homossexualidade identificada como desvio à norma e que deve ser invisível, não revelada. Da narrativa dos atletas se apreende que ser homossexual acarreta inúmeras dificuldades, desde limitações de comportamento, violência verbal ou física, até o constante gerenciamento da identidade sexual com vistas à ocultação e à negação da própria sexualidade. Por outro lado, o processo de coming out permite a expressão e a vivência da liberdade e a autoaceitação.

Palabras chave: Sexualidade, esporte, jornalismo, internet.

Abstract

The objective of this work is to investigate the discourses about homosexual athletes in sports, expressed in the Internet environment, from the analysis of texts published in Brazilian sport newspapers, from 2016 to 2019. It was used, as theoretical support for data analysis, a French Discourse Analysis. Readers' comments align with male hegemony in sport, with homosexuality identified as deviation from the norm and must be invisible, undisclosed. From the narrative of the athletes, it is clear that being homosexual entails numerous difficulties, ranging from behavioral limitations, verbal or physical violence, to the constant management of sexual identity in order to conceal and deny one's own sexuality. On the other hand, the coming out process allows the expression and experience of freedom and self-acceptance.

Keywords: Sexuality, sport, journalism, internet.

Introdução

Uma breve revisão da literatura revela um considerável número de estudos que confirmam a existência de um clima hostil à diversidade de orientação sexual no esporte (Griffin, 1992; O'brien, Shovelton, & Latner, 2013). Tal hostilidade geralmente se traduz em agressão verbal, insultos, discriminação, dificuldade de financiamento no esporte, isolamento social, pouco espaço na mídia e depressão, o que tem como consequência a invisibilidade e o silenciamento de atletas *gays* ou *lésbicas* durante a maior parte do tempo ou, pelo menos, até o final da carreira esportiva (Herek, 2004; Norman, 2013).

Apesar dos efeitos danosos do preconceito sexual, ainda são poucas as pesquisas sobre sua manifestação no âmbito esportivo. As pesquisas sobre gênero no âmbito do esporte se deram a partir da década de 80 no Brasil. Inicialmente, essas pesquisas colocaram as mulheres no centro dos debates, para posteriormente abordar os estudos sobre pessoas não heterossexuais e a teoria *queer* (Goellner, 2013; Silva, Gomes, & Queirós, 2006). Segundo Goellner (2013, p. 50):

A inclusão tardia do gênero como uma ferramenta analítica na pesquisa historiográfica acerca do esporte pode sugerir um entendimento tácito de que este representa um campo fortemente associado a pensamentos e ações que simbolizam o masculino e, como tal, seriam mais resistentes à mudanças.

De igual modo, os meios de comunicação têm um papel determinante na perpetuação de um ambiente hostil em relação à diversidade sexual no âmbito esportivo. Para Anjos (2014, p. 36), a mídia atribui inúmeros significados e valores ao esporte, difundindo os ideais e valores culturais hegemônicos, portanto, “(...) deve ser considerada instância fundamental do processo de construção de verdades acerca desse fenômeno”. A autora alerta para o fato de que, embora os sujeitos não absorvam passivamente as informações transmitidas, é necessário reconhecer o poder de influência de tais meios, refletindo acerca de sua participação nos processos de constituição e circulação de discursos na sociedade.

Ainda com relação às crenças e às atitudes negativas e desfavoráveis para com os indivíduos devido à orientação sexual, algumas pesquisas têm sugerido que a identidade não heterossexual não é o que desencadeia o preconceito sexual, mas sim a sua manifestação explícita e a visibilidade destas identidades, “principalmente quando questionam a

normatividade da heterossexualidade nos espaços públicos” (Gato, Carneiro, & Fontaine, 2011, p. 13).

Tendo em conta essa problemática, elaboraram-se os seguintes questionamentos: que discursos são produzidos quando identidades não heterossexuais se manifestam explicitamente e adquirem visibilidade no meio esportivo, como nos casos de *coming out*?

Este artigo tem como objetivo investigar os discursos sobre os atletas homossexuais no meio esportivo, expressos no ambiente da internet, a partir da análise de textos veiculados em jornais esportivos brasileiros.

O gênero e sua relação com o esporte

Com o eclodir da segunda onda do movimento feminista, por volta dos anos 70 nos Estados Unidos, Reino Unido e França, as questões ligadas ao gênero e à sexualidade passam a ser repensadas. O uso do termo sexo foi considerado ineficaz para descrever as relações entre homens e mulheres, surgindo o termo gênero. Para Louro (2000), a questão era trazer a construção social e histórica para o debate.

De acordo com Scott (1995, p. 75), o conceito de gênero abarca as formas de indicar as “construções culturais – a criação inteiramente social de ideias sobre os papéis adequados aos homens e às mulheres”. Butler (2003), por sua vez, propõe uma indiferenciação entre sexo e gênero, argumentando que a estabilidade interna da ordem pré-estabelecida do binarismo sexo/gênero só é possível pela ordem do discurso, de forma que o sexo não é natural, mas discursivo e cultural como o gênero, ou seja, o sexo é gênero desde o começo. Nesse sentido, afirma que gênero é “a estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural de ser”. (Butler, 2003, p. 59).

O parâmetro da normalidade seria, então, o que se manifesta na conexão entre sexo, gênero e desejo (Butler, 2003), ou seja, para ser inteligível, espera-se que uma pessoa que nasceu com genital feminino se ajuste às formas de comportamento consideradas femininas e que se relacione sexualmente apenas com homens. A normatização e predefinição das regras, normas e formas de se comportar de homens e mulheres, visando a heterossexualidade

como única forma normal de vivência da sexualidade foi denominada por Butler (2003) de heterossexualidade compulsória¹.

Segundo Foucault (2008), essas normas são internalizadas por meio de múltiplas linhas de subjetivação e relações de forças, que têm o objetivo de reafirmar a norma, dominando nossos saberes e cuidados de si dentro de um sistema de biopoder. De forma resumida, biopoder se refere a uma técnica do poder que busca criar um estado de vida na população para produzir corpos economicamente ativos e politicamente dóceis. Colocado em prática a partir do século XVII, o biopoder se divide em: disciplina (o governo dos corpos dos indivíduos) e biopolítica (o governo da população como um todo).

Através das tecnologias disciplinares do biopoder e o sistema de vigilâncias sociais, psicológicas e discursivas, a política deixa de ser algo não físico e macro, para ser micro, centrada no corpo. Tais tecnologias se configuram no controle da natalidade e da mortalidade, e nas normas comportamentais de acordo com o gênero e a sexualidade.

Dessa forma, esse discurso legitima a heterossexualidade compulsória, a qual desencadeia a heteronormatividade² (Junqueira, 2013). De acordo com Colling & Nogueira (2015, p. 182), heterossexualidade compulsória e heteronormatividade são conceitos diferentes, embora relacionados: “... na heterossexualidade compulsória todas as pessoas devem ser heterossexuais para serem consideradas normais, na heteronormatividade todas devem organizar suas vidas conforme o modelo heterossexual, tenham elas práticas sexuais heterossexuais ou não”.

Tais dispositivos também legitimam toda uma rede de aversão e repúdio às pessoas não heterossexuais, denominada homofobia. Se pode entender a homofobia como uma atitude de colocar a outra pessoa na condição de inferioridade e de anormalidade, baseada no domínio da lógica heteronormativa (Borrillo, 2010).

As manifestações homofóbicas se apresentam também de diversas formas, desde a violência verbal e simbólica (insultos e xingamentos), a violência psicológica (constrangimentos, humilhações) até a violência física (Borrillo, 2010). Em virtude desse tipo de coerção social, muitos homossexuais ocultam sua orientação e identidade sexual, mantendo sua invisibilidade dentro do armário.

Na área de estudos sobre *gays* e lésbicas, a obra de Sedgwick (2007, p. 19) aborda o conceito de armário, definindo-o como “[...] um dispositivo de regulação da vida de *gays* e lésbicas que concerne, também, aos heterossexuais

e seus privilégios de visibilidade e hegemonia de valores”. Na opinião de Miskolci (2014), o armário traz a discussão da gestão da visibilidade e da invisibilidade, as quais estão intrinsecamente relacionadas a regimes de verdade, a códigos morais e a valores que não são controlados pelos indivíduos. Dessa forma, a obra de Sedgwick permite compreender o armário como um dispositivo que regula a existência de lésbicas e *gays* nas diferentes esferas sociais, inclusive no âmbito desportivo.

Segundo Anderson (2015), a trajetória histórica do esporte no Ocidente, desde a Revolução Industrial, o identifica como um espaço de configuração da masculinidade, de simbologia majoritariamente masculina e viril. No entanto, nas últimas décadas, a pressão decorrente das normas sociais em prol da erradicação de comportamentos discriminatórios vem conferindo um caráter mais aberto e respeitoso com a diversidade. Nesse cenário, as sexualidades contrahegemônicas vêm ganhando espaço e visibilidade no espaço esportivo, gerando a necessidade de repensar e redimensionar essas configurações binárias. Por outro lado, Araújo (2012, p. 68) destaca “a resistência do fenômeno esportivo a essa nova demanda por compreender que esta desestabiliza a prática esportiva, inclusive, em sua clássica forma de organização das modalidades por categoria e gênero”.

De acordo com Pereira, Monteiro e Camino (2009), tomando por base as pesquisas sobre a evolução do preconceito sexual e da homofobia, percebeu-se que estes tipos de preconceitos vêm assumindo formas de discriminação mais sutis, como a que se expressa no desconforto com a visibilidade das minorias sexuais, principalmente visibilidade pública.

Metodologia

Este estudo é de natureza qualitativa, utilizando como estratégia a análise de discurso de linha francesa (doravante AD). Orlandi (2005, p. 17) afirma que a AD se preocupa com o funcionamento do discurso, definindo este como “o lugar em que se pode observar a relação entre língua e ideologia, compreendendo-se como a língua produz sentidos por/para os sujeitos”.

Outro conceito importante para a organização do *corpus* é o acontecimento. Para Pêcheux (2008), o acontecimento é um fato novo que surge na atualidade e que convoca a memória para produzir sentidos. Destarte, este estudo considera que a “saída ou não do armário” de atletas

no discurso dos jornais esportivos brasileiros (online) como um acontecimento histórico, em que o privado se torna público. Da mesma forma, concebe os jornais esportivos como um lugar que produz discursos sobre atletas LGBT que resolvem “sair ou ficar no armário”, ou seja, um acontecimento discursivo.

O *corpus* de arquivo³ analisados foram os textos que abordaram temáticas relacionadas ao *coming-out* e à homossexualidade no esporte, em jornais esportivos brasileiros no período de julho de 2016 a julho de 2019. Inicialmente, utilizando o critério de audiência, foram selecionadas como fontes de coleta de dados os sites dos jornais Folha de São Paulo, O Globo e O Estado de São Paulo (Estadão).

Devido ao fato de não encontrar muitas reportagens nos referidos jornais, estabeleceu-se como caminho alternativo para a seleção do *corpus* a ferramenta de busca do Google, utilizando as palavras-chave: *coming out*, sair do armário, homossexualidade, esporte. Por meio da ferramenta de busca pelas palavras foram encontradas matérias postadas nos anos de 2016, 2017 e 2019, totalizando 14 reportagens. Após essa seleção, foram escolhidos os textos que trazem informações de atletas brasileiros, com 11 reportagens nos seguintes jornais: SporTV (Rodrigues, Barone, & Russo, 2016), Globo Esporte (Siqueira & Gozzer, 2016), El País Brasil (Avendaño, 2016), SportTV (2017), Correio Brasiliense (Nunes 2017a, 2017b, 2017c), Folha de São Paulo (Folha, 2019), UOL Esporte (Schmidt, 2019), Globo Esporte (Faria & Guerra, 2019) e UOL Universa (González, 2019). Esse material coletado foi dividido segundo a data de postagem do conteúdo no jornal. Quando o site possibilitava a inclusão de comentários dos leitores das notícias, esses foram analisados.

Inicialmente foi realizada a leitura de todo material, seguido do recorte textual, onde cada trecho considerado relevante, referente à reportagem ou aos comentários, foi grifado e atribuído um título, que serviu para mapear as sequências discursivas (organizadas em SD1, SD2 e assim por diante), onde foram identificados os sentidos produzidos pelo texto. Posteriormente, foram realizadas outras leituras dos textos e das sequências discursivas, para a busca de semelhanças e diferenças com o objetivo de realizar a agrupação em eixos/trajetos temáticos. A análise de dados foi realizada com o apoio do software de análise de dados qualitativos Atlas ti 8.4 para Windows.

Resultados e Discussão

As sequências discursivas foram organizadas em quatro trajetões temáticas: a) homofobia à brasileira; b) marcas do preconceito; c) *in closeted*: permanecendo no silêncio, e c) *coming out*.

Homofobia à brasileira

Ao analisar o texto das matérias, as publicações mais frequentes ocorrem nos anos 2016 e 2019. O jornal El País Brasil divulga que as Olimpíadas realizadas no Rio de Janeiro em 2016 foram o evento esportivo mais *gay* da história. (Avendaño, 2016). De acordo com o El País Brasil:

O Brasil esteve sempre aberto à inclusão dos homossexuais em comparação com outros países vizinhos: aceitou a união civil de pessoas do mesmo sexo em 2003 e legalizou o seu casamento em 2013, seguindo o exemplo do Uruguai e da Argentina. (Avendaño, 2016).

Também foi aprovada recentemente, em junho de 2019, pelo Supremo Tribunal Federal, um projeto que define a homofobia como crime. A proposta altera a lei 7.716, de 1989 que trata dos crimes de preconceitos de raça (Brasil, 1989) para acrescentar o sexo, a orientação sexual ou a identidade de gênero na lista dos preconceitos sujeitos à punição legal, tais como raça, cor, etnia, religião e procedência nacional (Barifouse, 2019). Apesar desses avanços, os episódios homofóbicos são frequentes no Brasil. O El País Brasil informa que “de acordo com o site do Grupo Gay da Bahia, um membro da comunidade LGBT é agredido a cada 28 horas” (Avendaño, 2016, p. 01).

Em relação às políticas públicas, o cenário é de avanços e retrocessos. Em contraste com o aumento da visibilidade da questão LGBT nas últimas décadas, está o fortalecimento da organização conservadora, no congresso, mais especificamente a bancada evangélica, que tem trabalhado em sucessivas tentativas de frear as conquistas e de contrapor-se às pautas ligadas a questões de gênero, homofobia e ao universo LGBT (Feliciani, Castilho, & Dalmolin, 2018).

A pressão desses setores notoriamente conservadores e moralistas é mencionada por um atleta brasileiro de salto ornamental na SD1:

Ninguém nasce preconceituoso, ninguém nasce ignorante, ninguém nasce racista, ninguém nasce machista. Nós aprendemos a ser racistas, nós aprendemos a ser

homofóbicos, nós aprendemos a ser machistas. É uma coisa que nós aprendemos. É claro que dá para desaprender também, as pessoas vão quebrando preconceitos com o tempo. Você vê pessoas no Ministério da Educação que não conseguem trabalhar gêneros de jeito nenhum na escola, que era o lugar que era para ser trabalhado. Por quê? Porque existe todo um movimento de uma bancada evangélica que barra a discussão de gênero na escola. Existem movimentos políticos por trás disso. (SD1) (Siqueira & Gozzer, 2016).

Na reportagem do Globo Esporte (Siqueira & Gozzer, 2016), o atleta de salto ornamental enfatiza o Brasil como um país preconceituoso e sem preparo para educar as pessoas para a diversidade. Outra atleta, goleira da seleção brasileira de handebol, também corrobora: “No Brasil, as pessoas são muito religiosas e preconceituosas, e muitas vezes elas são pessoas próximas a você”. (SD2) (Schmidt, 2019).

De acordo com Pêcheux (1997), o discurso está relacionado às posições ideológicas, as quais estão organizadas com ideias, valores ou regras que estabelecem o que e como a sociedade pensa e age. Tem-se, então, a noção de formação discursiva (FD), consolidada a partir de Foucault, e definida por Pêcheux (1997, p. 160) como “aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classe, determina o que pode e deve ser dito”.

Tanto em SD1 quanto em SD2 se pode visualizar que se trata de discursos de atletas que assumiram sua identidade *gay*, ou seja, ocupam uma posição-sujeito que rompe com a FD heteronormativa. Há, também, nas SD mencionadas, a retomada do discurso religioso e menção aos efeitos de tal discurso na sociedade brasileira, e que se materializa nas políticas educacionais, na influência da bancada evangélica nessas políticas e no preconceito generalizado.

Ao retomar na SD1, o trecho que trata de que ninguém nasce preconceituoso, nem machista, mas aprende a ser, se faz necessário retomar o conceito de biopoder. Para Foucault (2008), o biopoder não se impõe pela força ou pela repressão, ele atua no detalhe, no nível da mecânica que adentra o corpo, e no nível dos discursos, que também produzem efeitos sobre os corpos. Assim, as pessoas internalizam a disciplina e os discursos, naturalizando-os.

A mecânica do biopoder se dá pelo enquadramento das pessoas em categorias, como nas categorias binárias masculino e feminino. Conforme afirmam Camargo e Kessler (2017, p. 194):

Particularmente quando se inter-relacionam sexualidade e sistema esportivo, nas sociedades contemporâneas, os corpos aparecem como marionetes dentro do palco da heteronormatividade, onde a heterossexualidade é tomada como pressuposto obrigatório/compulsório [...] e as normatividades estão instituídas, do sexo ao gênero, da biologia à cultura.

Portanto, qualquer abalo à estrutura heteronormativa é intolerável, repreensível e inadequado. Tal intolerância se pode observar nos 445 comentários a respeito da matéria veiculada pelo Sportv, da Globo, sobre uma lutadora de *Mixed Martial Arts* (MMA) (Rodrigues, Barone, & Russo, 2016). Se pode dizer que a maioria das SD presentes nos comentários são exemplos de FD em torno da concepção da heterossexualidade como norma sexual. Observa-se em SD3 e SD4 a questão da invisibilidade e do silêncio imposto aos indivíduos não heterossexuais:

Ela é uma lutadora que derrotou a campeã e acabou, parabéns. O tema da sexualidade não encaixa nessa matéria. (SD3, comentário leitor)

Estou infinitamente longe de ser preconceituoso. Porém, o que tem a ver o combate com homossexualidade? Por acaso os héteros campeões falam que sentem orgulho de sua condição sexual? Essa forçada de barra é que atrai enorme antipatia pelo assunto! Pronto... falei!!!! (SD4, comentário leitor)

Segundo Orlandi (2005), o que está estabelecido socialmente e politicamente determina o que via ser silenciado. Nesse caso, o que deve ser silenciado é a sexualidade não-heterossexual da atleta.

Nas SD seguintes, os leitores afirmam que a lutadora deveria atuar na categoria masculina. Como não se enquadra na visão binária, se supõe que ela quer “virar homem” ou é negada sua presença, incluindo-a em uma terceira categoria, que não a feminina.

O que vale é que ela, mesmo que não aceite, ela é mulher e pronto, claro que tem muitas que para fingir e acreditar que é um “homem” buscam esporte, ou qualquer outra coisa para se sentir homem, mesmo que nunca seja, e sempre será uma mulher, mesmo que arranque os seios, corte os cabelos. (SD5, comentário leitor)

Lésbicas deveriam lutar somente com lésbicas. Normalmente elas são mais fortes que as mulheres de verdade, e levam vantagem. Quando criaram a categoria feminina, a intenção era que houvesse luta somente de mulheres ditas normais, e não as com hormônio masculino que se consideram macho. Essas deveriam lutar contra homens. (SD6, comentário leitor)

Ressalta-se que a matéria dedica apenas uma frase para falar da orientação sexual da lutadora e que a maioria dos 445 comentários dos leitores são comentários homofóbicos. Apenas um dos comentários manifesta a importância da visibilidade: “a especificação da sexualidade é válida pela necessidade de se evidenciar referências para o meio LGBT numa sociedade heteronormativa. Mas não é de se admirar que os trogloditas não entendam isso”. (SD7, comentário leitor).

Se pode observar a prevalência de discursos contrários à ruptura de padrões, segundo os quais uma mulher deveria se dedicar a atividades que condizem com sua constituição biológica. Sendo assim, uma mulher que escolhe lutar MMA ou jogar rúgbi como profissão tem uma imagem contrária a que é cultivada socialmente.

O esporte ainda está atrelado à agressividade e competitividade, características tidas como masculinas. E as mulheres lésbicas, mesmo sendo mais aceitas que os homens gays, sofrem com o estereótipo. As pessoas olham meus músculos e a modalidade que pratico e pensam que eu quero ser um homem. E os xingamentos são todos homofóbicos. (SD8, jogadora de rúgbi). (González, 2019)

Conforme afirma Louro (2009, p. 90), “esse alinhamento (entre sexo-gênero-sexualidade) dá sustentação ao processo de heteronormatividade”, que produz, reproduz e reitera a norma heterossexual. Os que fogem à norma devem ser relegados a segundo plano, excluídos, punidos, curados ou estar invisíveis.

Marcas do preconceito

O âmbito esportivo, de modo geral, comporta diferentes formas de intolerância. Os padrões normativos no esporte imperam não apenas nas questões referentes ao gênero, mas também em relação à orientação sexual.

Em relatos de distintos atletas, o preconceito sexual foi um fator que marcou suas experiências de vida, inclusive retardando a decisão de sair do armário.

Tem algumas expressões que me marcaram muito. Chamar de bicha eu acho que é uma coisa que me ofendia muito. A questão de quando me fizeram ficar nu. Os próprios atletas mais velhos escreveram em três atletas pelados: “eu” e no outro “sou” e no outro “gay”. Isso é uma maneira de preconceito. (SD9, ginasta) (Faria & Guerra, 2019)

Quando acabava a aula de natação, os meninos pediam para pular da plataforma. As crianças todas iam bem animadas. Quando tinha algum garoto que não ia, que ficava com medo, todo mundo ficava falando: “Ah mulherzinha, viadinho...” O fato de as pessoas associarem a homossexualidade com uma coisa diminutiva, um sinônimo de medo, de fraqueza, aquilo ali de forma meio que inconsciente me afetava. São essas pequenas coisas que a gente normaliza que estão na nossa sociedade, mas que acabam afetando a pessoa que é LGBT. (SD10, salto ornamental) (Faria & Guerra, 2019)

Podem ser encontradas em SD9 e SD10 ecos do discurso homofóbico presente na sociedade. Termos como bicha, *gay*, viadinho e mulherzinha são utilizados para nomear aos transgressores das brincadeiras e dos comportamentos considerados como sendo masculinos. Dessa forma, desde muito cedo, vai-se aprendendo e se exercitando uma maneira de viver a masculinidade e sua relação com a heterossexualidade, na mesma medida em que hierarquiza e demarca os indivíduos que fogem dessa norma.

De acordo com Borrillo (2010, p. 87), nestes contextos, a homofobia tem raízes no binarismo das identidades sexuais e de gênero. “A homofobia e, em particular, a homofobia masculina, cumpre a função de ‘guardião da sexualidade’, ao reprimir todo comportamento, todo gesto ou todo desejo que ultrapasse as fronteiras ‘impermeáveis’ dos sexos”. (grifos do autor)

Observa-se ainda que os dizeres, os atos e os sentidos negativos explicitados nas SD9 e SD10 afetaram os atletas. De acordo com Junqueira (2013, p. 485), determinadas brincadeiras, insultos e ofensas visam a desqualificação dos sujeitos que estão fora da norma, tornando-se uma “pedagogia do armário”, que impede os sujeitos de revelarem sua orientação sexual sem problemas, ocultando-a, não por opção, mas como uma estratégia de sobrevivência em um ambiente social hostil e heterossexista (Miskolci, 2014).

In Closeted

Um dos eixos mais interessantes da intersecção entre homofobia e esporte encontrados nas fontes pesquisadas refere-se à dinâmica de permanecer no armário, silenciando e ocultando aspectos da sexualidade. Pode-se dizer, portanto, que lidar com o conhecimento sobre a sexualidade considerada desviante, condiciona a vida dos que a possuem. A esse respeito, Sedgwick (2007, p. 22) afirma que:

Cada encontro com uma nova turma de estudantes, para não falar de um novo chefe, assistente social, gerente de banco, senhorio, médico, constrói novos armários cujas leis características de ótica e física exigem, pelo menos da parte de pessoas gays, novos levantamentos, novos cálculos, novos esquemas e demandas de sigilo ou exposição.

Na SD11, se pode observar que a opção por permanecer no armário é confrontada por sentimentos e pensamentos diversos e contraditórios, muitas vezes permeadas por diferentes estratégias para esconder sua orientação sexual.

Ele (Michel Conceição) me levou a uma balada gay, mesmo sendo proibido sair à noite na seleção. Eu fui todo disfarçado: boné, óculos escuros, capuz. Isso se repetiria nos anos seguintes, era ridículo. Meus amigos livres, leves e soltos e eu lá, cheio de roupas, suando no calor, virando a cara quando alguém fixava o olhar. (SD11, ginasta, Folha, 2019)

O atleta ocupa então uma posição-sujeito de quem transita pelo armário: no âmbito esportivo, do trabalho, ele se mantém no armário, enquanto que na presença de amigos que “sabem”, é possível sair. Nesse sentido, Sedgwick (2007) afirma que uma pessoa homossexual está sempre no armário para alguém, seja no nível profissional ou pessoal, ainda que a manutenção dessa vida dupla possa acarretar tensão e stress.

Esconder e limitar a expressão de ações e pensamentos faz parte da experiência de ser homossexual. Tal limitação impede a revelação do segredo para pessoas do convívio pessoal e social, inclusive da família.

Eu não conseguia também falar para a minha mãe, olhar para ela e falar que eu era lésbica. Antes, eu não queria falar, porque eu não tinha certeza, não sabia o que era. Pensava que era uma coisa demoníaca. A gente vem de uma família com religião, então a gente começa a ter esses pensamentos. Você não tem certeza, não sabe o que pensar. Você pensa que é um monstro. Eu tive muito isso. Eu escondia porque tinha medo de mim mesma. (SD12, atleta de handebol) (Schmidt, 2019)

Se pode visualizar na SD12 a expressão do medo em diferentes momentos antes da saída do armário: no temor da reação da mãe e da família, da punição divina; na forma de entender e viver a sexualidade, ligada a uma FD religiosa e, inclusive, no medo de si mesma. Dessa forma, revelar o “segredo” significa também quebrar com laços simbólicos que unem a família: de afeto, de pensamento, de crenças e de pertencimento (Saggese, 2009).

A maioria dos atletas manifesta a dificuldade de assumir sua orientação sexual. No entanto, afirmam que a orientação sexual não é passível de escolha – é uma realidade que não pode ser modificada.

A gente ergue nossa bandeira, mas não obriga a pessoas a gostarem. Não é a opção sexual que faz o seu caráter. Quando conhecem a gente, depois falam: “Como você é simpática, legal”. Eu não escolhi ser gay, nasceu comigo. Não escolhi passar na rua de mãos dadas com minha mulher e alguém olhar de cara feia para mim. (SD13, lutadora de MMA) (SporTV, 2017)

Não escolhi ser gay, porque gay não é uma escolha. É simplesmente o que sou (SD14, ginasta) (Folha, 2019)

Espero que as pessoas entendam e não julguem porque eu sou lésbica e ele é gay. A gente não pediu para que viesse ao mundo lésbica ou gay. Acontece. Tudo é sobre o amor. É como uma pessoa hétero. Os héteros amam, os gays amam. Para mim, isso é o que vale. (SD15, atleta de handebol) (Schmidt, 2019)

É possível notar nas SD acima que os sujeitos se inscrevem em FD que compreendem a homossexualidade como algo natural, que não é uma opção de escolha, indicando que há uma compreensão de não distinção entre um sujeito heterossexual e um sujeito homossexual. No entanto, na SD 13 (“não escolhi passar na rua de mãos dadas com minha mulher e alguém olhar de cara feia para mim”) se observa que existe um padrão compreendido como normal (o heterossexual) frente ao que é considerado anormalidade (a homossexualidade), o que torna difícil sair do armário.

A respeito das dificuldades enfrentadas, o medo da agressão é um dos principais fatores relatados. A comemoração da namorada nas Olimpíadas do Rio de Janeiro em 2016 evidenciou o relacionamento e a orientação sexual de uma judoca brasileira, durante a conquista da medalha de ouro. A atleta comenta que “nunca tinha colocado nada em redes sociais, nunca tinha levado a público, por conta mesmo de toda a violência que a gente vê acontecendo” (SD16, Nunes, 2017c).

A permanência no armário e o medo em revelar sua orientação sexual está também associada à provável retaliação de oportunidades no trabalho. Além disso, conforme afirma Anderson (2011), a política de muitos clubes e instituições desportivas é a de silenciar os atletas não heterossexuais.

Ainda tem muito silêncio de clubes, confederações e demais instituições. Ninguém quer se posicionar, e o silêncio é uma ferramenta que acaba sendo

conivente para manter a exclusão e as taxas de violência motivadas pelo preconceito (SD17, jogadora de rúgbi) (Nunes, 2017c).

Muitos atletas não se assumem devido ao medo do preconceito do público, que, conseqüentemente, afasta possíveis patrocinadores e apoiadores (SD18, lutadora de taekwondo) (Nunes, 2017a).

Aliás, a única escolha que temos que fazer é a de permanecer ou não no caminho que o sistema quer que estejamos. Caminho esse forçado por uma sociedade que te pune pelo simples fato de ser quem se é. (SD19, levantadora de vôleibol) (Schmidt, 2019)

A partir do momento que alcancei todos meus objetivos, já não tive mais medo de falar sobre isso, de ter uma represália, um problema que pudesse afetar meu sonho olímpico. (SD20, ginasta) (Faria & Guerra, 2019)

Tal como expõe Miskolci (2009, p. 172, grifos do autor), “em contextos heterossexistas, ‘assumir-se’ pode significar a expulsão de casa, a perda do emprego ou, em casos extremos, até a morte”. Sendo o esporte uma instituição segregadora de gênero, o “armário” do esporte significa um lugar onde há a garantia de proteção, financiamento e aceitação social. Deste modo, muitos atletas saem do armário somente após realizar seus objetivos dentro do esporte (SD20). Por outro lado, se pode observar na SD17 e SD20, que o silenciamento sobre a orientação sexual dos atletas homossexuais por meio da instituição esportiva, contribui para que “sejam co-autores de sua subordinação e, além disso, confirma a heterossexualidade como uma sexualidade pública e a homossexualidade como uma questão privada”. (Camargo, 2010, p. 212).

Coming out

A expressão *coming out*, forma abreviada de *Coming Out of the Closet*, corresponde ao processo de revelação da orientação sexual considerada desviante e, na tradução para a língua portuguesa, à saída do armário (Sedgwick, 2007).

A saída do armário implica, portanto, encarar de frente o preconceito, tendo em vista que, ao revelar sua homossexualidade, o indivíduo terá conseqüências diretas nas suas vivências (Saggese, 2009). É, portanto, muito mais do que declarar-se publicamente como homossexual: é questionar os valores e crenças arraigados na sociedade, é um processo político que questiona a norma heterossexual.

O atleta homossexual não assume por medo ou vergonha. Ou por achar que não precisa. É uma coisa muito pessoal. Assumir minha sexualidade não mudou em nada a minha vida pessoal, nem a minha carreira. Foi um movimento político. Não posso chegar e falar para alguém: “Olha, isso é o melhor para a sua vida”. Não tenho o direito. Sei que existe um movimento muito grande de quem se assumiu falar para as outras pessoas, falando que será bom, será libertador. Não posso brincar com a vida dos outros. A pessoa tem que estar pronta para vir coisas boas, e tem que estar pronta para vir coisas ruins. (SD21, atleta salto ornamental) (Siqueira & Gozzer, 2016).

Você precisa estar em um lugar seguro, precisa se sentir bem e também estar num momento em que você deixou de sentir medo das consequências (SD22, jogadora de rúgbi) (Schmidt, 2019)

Percebe-se, no processo de sair do armário, a busca dessa visibilidade, mostrando à sociedade que a homossexualidade existe inclusive no âmbito esportivo. A maioria dos discursos argumenta que a atitude de sair do armário contribui para diminuir visões homofóbicas e serem referentes de outras formas de se viver a sexualidade no esporte e fora dele.

É muito importante se assumir publicamente. A sexualidade do atleta não é importante pelo esporte ou pelo desempenho dele, mas por se tratar de um ser humano com visibilidade. Sei que faria uma diferença enorme na minha vida se, aos 12 anos, eu tivesse visto o exemplo de uma mulher gay beijando a noite dela nas Olimpíadas num momento feliz. (SD23, jogadora de rúgbi) (Nunes, 2017c).

O que precisa mudar é a sociedade. Se as pessoas se comportam desse jeito é porque elas são condicionadas a se comportarem assim. Em lugares onde as pessoas têm a mente aberta tanto sobre feminismo quanto questão de orientação sexual, você não vê esse tipo de ataque. Não se vê as pessoas sentirem vergonha do que elas sentem, do que elas são. A mudança não tem de sair da pessoa para o geral. Ela tem que vir do geral. Se eu não estivesse preparado para lidar com tudo que eu pudesse lidar quando abri minha sexualidade eu não teria falado. (SD24, atleta de salto ornamental) (Siqueira & Gozzer, 2016).

Observa-se, então, que o âmbito esportivo tem sido o palco da expressão de masculinidades e feminilidades diversas, as quais vão rompendo com os modelos binários de sexualidade, ganhando espaço e visibilidade e redimensionando as conformações heteronormativas no esporte. Nessa direção, segundo Araújo (2012, p. 68) afirma que

O esporte, não alheio à conjuntura social que o abarca, identifica (mesmo que com resistência) tais questionamentos e/descentramentos em seu campo que

possibilitam uma complexificação das posições binárias e maniqueístas em torno do gênero e sexualidade dos sujeitos/atletas.

Se pode considerar o esporte como uma das instituições mais tradicionais quando se fala em manutenção do binarismo heterossexual; no entanto, e ao mesmo tempo, observa-se a emergência e a necessidade de rompimento das fronteiras de gênero no que diz respeito às práticas esportivas.

Considerações finais

Diante dos dados analisados, retoma-se à questão de investigação: que discursos são produzidos quando identidades não heterossexuais se manifestam explicitamente e adquirem visibilidade no meio esportivo, como nos casos de *coming out*? A indagação permitiu, ao analisar o recorte dos textos dos jornais esportivos brasileiros entre 2016 e 2019, perceber que a construção de padrões que legitimam a participação em atividades esportivas, sobretudo o esporte profissional, afasta, silencia e exclui os indivíduos que não se adequam à norma.

De forma geral, os comentários dos leitores analisados em uma das reportagens se alinham com uma formação discursiva que tem um modelo de esporte calcado em valores associados à força, virilidade, agressividade e competitividade. Nesse contexto, a homossexualidade é negada e associada à anormalidade, doença, problema, depravação ou pecado. Em muitos momentos, é vista como uma prática que deve ser invisível, que não deve ser divulgada pelos atletas ou que deve se limitar a espaços específicos, os guetos.

Chama a atenção o fato de que nas matérias analisadas até o momento, não tenha sido reportado nenhum caso de *coming out* no futebol, modalidade que no imaginário brasileiro foi e ainda é um espaço hegemônico, que reforça a masculinidade.

Da narrativa dos atletas sobre a permanência no armário, se apreende que ser homossexual acarreta dificuldades que o atleta heterossexual não vivencia e com as quais não convive: limitações de comportamento, violência verbal ou física e constante gerenciamento da identidade sexual com vistas à ocultação e à negação da própria sexualidade. Por outro lado, os atletas que optam por sair do armário enfrentam barreiras no que se refere ao momento apropriado da revelação (normalmente na consolidação ou encerramento da carreira esportiva) e à

revelação para a família e as pessoas mais próximas. Também se pode perceber no depoimento dos atletas que o *coming out* é um processo de revelação que tem como consequência a expressão da liberdade e a autoaceitação, ainda que sair do armário signifique estar exposto à situações homofóbicas e de reprovação social.

Os dados disponíveis nesse estudo suscitaram, contudo, outras perguntas que podem ser respondidas em pesquisas futuras. Poucas informações da mídia referentes às manifestações de *coming out* no futebol sugerem a realização de pesquisas sobre homossexualidade masculina na modalidade. Cabe também questionar a visibilidade heteronormativa, legitimada pela ciência, pela pedagogia e pela mídia, e instaurada como regimes de verdade. Cabe a busca pelo estabelecimento de outras possibilidades nessa relação conflituosa entre os padrões hegemônicos e as sexualidades “desviantes” que incomodam o estabelecido como natural. Quiçá o primeiro passo seja dar visibilidade e voz aos atletas que se desviam da norma, dessa forma, incomodando, deslocando e incitando outras formas de ser no mundo esportivo.

Notas

¹ A primeira teórica a empregar o termo heterossexualidade compulsória foi a feminista norte-americana Adrienne Rich em um ensaio de 1980 com o título *Compulsory Heterosexuality and Lesbian Existence* (Rich, 1980). O termo também foi abordado por Butler (2003).

² O termo heteronormatividade aparece pela primeira vez em um artigo de Michel Warner em 1993 (Warner, 1993) é entendido como um conjunto de discursos, valores e práticas por meio da qual a heterossexualidade é instituída, tida como natural e vivenciada como única possibilidade de expressão.

³ A análise na AD, de forma geral, se constitui de dois tipos de *corpus*: *corpus* de arquivo (formado por materiais já existentes como pronunciamentos em jornais, documentos, livros e outros) e *corpus* empírico ou experimental (construído especialmente para a pesquisa, como entrevistas). (Orlandi, 2005; Caregnato & Mutti, 2006).

Referências

- Anderson, E. (2011).** “Inclusive masculinities of university soccer players in the American Midwest”, em *Gender and Education*, 23(06), pp. 729-744. doi: 10.1080/09540253.2010.528377
- Anderson, E. (2015).** “Assessing the sociology of Sport: On changing masculinities and homophobia”, em *International Review for the*

Sociology of Sport, 50(4-5), pp. 363-367. doi: 10.1177/1012690214538628

- Anjos, L. A. S. (2014).** *Quando o silêncio é rompido: Homossexualidade e esportes na Internet.* Porto Alegre: Orquestra.
- Araújo, A. C. (2012).** *Elementos do pós-moderno na representação do esporte no cinema contemporâneo.* Tese (Doutorado em Comunicação). Universidade Federal de Pernambuco.
- Avendaño, T. C. (2016).** “Rio 2016 se transforma na Olimpíada mais gay da história”, em *El País Brasil*. Recuperado de: https://brasil.elpais.com/brasil/2016/08/09/deportes/1470774769_409560.html.
- Barifouse, R. (2019).** “STF aprova a criminalização da homofobia”, em *BBC News Brasil*. Recuperado de <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-47206924>.
- Borrillo, D. (2010).** *Homofobia: História e crítica de um preconceito.* Belo Horizonte: Autêntica.
- Brasil. (1989).** Lei nº 7.716 de 5 de janeiro de 1989. Casa Civil. Subchefia para assuntos jurídicos. Define os crimes resultantes de preconceito de raça ou de or. Recuperado de: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9459.htm
- Butler, J. (2003).** *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Camargo, W. X (2010).** “A relação esporte-homofobia sob o olhar interdisciplinar”, em *Caderno de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas*, 11(99), 207-213.
- Camargo, W. X., & Kessler, C. S. (2017).** “Além do masculino/feminino: Gênero, sexualidade, tecnologia e performance no esporte sob perspectiva crítica”, em *Horizontes Antropológicos*, 23(47), pp. 191-225. <https://dx.doi.org/10.1590/s0104-71832017000100007>
- Caregnato, R. C. A., & Mutti, R. M. V. (2006).** “Pesquisa qualitativa: análise de discurso versus análise de conteúdo”, em *Texto e Contexto Enfermagem*, 15(4), 679-684.
- Castells, M. (1999).** *O poder da identidade.* São Paulo: Paz e Terra.
- Colling, L. & Nogueira, G. (2015).** “Relacionados mas diferentes: Sobre os conceitos de homofobia, heterossexualidade compulsória e heteronormatividade”, em: Rodrigues, A., Dallapicula, C., & Ferreira, S. R. S. (Orgs.). *Transposições: lugares e fronteiras em sexualidade e educação.* Vitória: EDUFES. (pp.171-184).

- Feliciani, M. Z., Castilho, M. M., & Dalmolin, A. R. (2018).** “O empreendimento moral de Marco Feliciano no Twitter: uma análise sobre as temáticas LGBT em perspectiva com a midiatização”, em *Anais 7º Encontro Regional Sul de História da Mídia*. Recuperado de: <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-regionais/sul/7o-encontro-2018/historia-da-midia-digital/o-empresendimento-moral-de-marco-feliciano-no-twitter-uma-analise-sobre-as-tematicas-lgbt-em-perspectiva-com-a-midiatizacao/view>.
- Faria, L., & Guerra, M. (2019).** “Do preconceito à aceitação: atletas olímpicos pedem respeito no Dia Mundial contra Homofobia”, em *Globo Esporte*. Recuperado de: <https://globoesporte.globo.com/olimpiadas/noticia/do-preconceito-a-aceitacao-atletas-olimpicos-pedem-respeito-no-dia-mundial-contrahomofobia.ghtml>
- Foucault, M. (2008).** *Segurança, território, população: Curso dado no Collège de France (1977-1978)*. São Paulo: Martins Fontes.
- Folha (2019).** “Diego Hypólito assume ser homossexual e fala de abusos na ginástica”, em *Folha de São Paulo*. Recuperado de: <https://www1.folha.uol.com.br/esporte/2019/05/diego-hypolito-assumer-homossexual-e-fala-de-abusos-na-ginastica.shtml>
- Gato, J., Carneiro, N. S., & Fontaine, A. M. (2011).** “Contributo para uma revisitação histórica e crítica do preconceito contra as pessoas não heterossexuais”, em *Crítica e Sociedade: Revista de Cultura Política*, 1(1), pp. 139-167.
- Goellner, S. (2013).** “Gênero e esporte na historiografia brasileira: Balanços e potencialidades”, em *Revista Tempo*, (19)34, pp. 45-52. doi: 10.5533/TEM-1980-542X-2013173405
- González, M. (2019).** “Elas jogam que nem mulher: atletas olímpicas lésbicas falam de coragem, amor e preconceito. E, não, elas não querem jogar que nem homem”, em *UOL Universa*. Recuperado de: <https://www.uol.com.br/universa/reportagens-especiais/elas-jogam-que-nem-mulher/>
- Griffin, P. (1992).** “Changing the game: Homophobia, sexism, and lesbians in sport”, em *Quest*, 44(2), pp. 251–265. doi:10.1080/00336297.1992.10484053

- Herek, G. M. (2004).** “Beyond “Homophobia”: Thinking about sexual prejudice and stigma in the twenty-first century”, em *Sexuality Research and Social Policy*, 1(2), pp. 6-24. doi: 10.1525/srsp.2004.1.2.6
- Junqueira, R. D. (2013).** “Pedagogia do armário: A normatividade em ação”, em *Retratos da Escola*, 7(13), pp. 481-498.
- Louro, G. L. (2009).** “Heteronormatividade e homofobia”, em Junqueira, R. D. (Org.). *Diversidade sexual na educação: Problematizações sobre a homofobia nas escolas* (pp. 85-94). Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO.
- Louro, G. L. (2000).** “Corpo, escola e identidade”, em *Educação e Realidade*, 25(2), 59-75. Recuperado de <http://www.seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/index>
- Miskolci, R. (2009).** “O Armário ampliado: Notas sobre sociabilidade homoerótica na era da internet”, em *Gênero*, (2), 171-190.
- Miskolci, R. (2014).** “Negociando visibilidades: segredo e desejo em relações homoeróticas masculinas criadas por mídias digitais”, em *Bagoas*, 8(11), 51-78.
- Norman, L. (2013).** “The concepts underpinning everyday gendered homophobia based upon the experiences of lesbian coaches”, em *Sport in Society*, 16(10), pp. 1326–1345, doi:10.1080/17430437.2013.821255
- Nunes, M. (2017a).** “Esporte trancado no armário: Gays preferem silêncio para manter contrato” (Parte 1), em *Correio Brasiliense*. Recuperado de: <http://especiais.correiobrasiliense.com.br/esporte-trancado-no-armario>
- Nunes, M. (2017b).** “Trans também entram em quadra: Radiologista, cabeleireira em jogadora de vôlei” (Parte 2), em *Correio Brasiliense*. Recuperado de: <http://especiais.correiobrasiliense.com.br/trans-tambem-entram-em-quadra>
- Nunes, M. (2017c).** “Silêncio sobre LGBTs mantém atletas com medo: A importância da visibilidade” (Parte 3), em *Correio Brasiliense*. Recuperado de: <http://especiais.correiobrasiliense.com.br/silencio-sobre-lgbt-mantem-atletas-com-medo>
- O’Brien, K. S., Shovelton, H., & Latner, J. D. (2013).** “Homophobia in physical education and sport: The role of physical/sporting identity and attributes, authoritarian aggression, and social dominance orientation”, em *International Journal of Psychology*, 48, pp. 891-899. doi:10.1080/00207594.2012.713107

- Orlandi, E. P. (2005).** *Análise do discurso: princípios e procedimentos*. 6. ed. Campinas: Pontes.
- Pêcheux, M. (1997).** *Semântica e discurso*. Campinas: Editora da Unicamp.
- Pêcheux, M. (2008).** *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Trad.: Eni P. Orlandi. 5. ed. Campinas: Pontes.
- Pereira, A. S., Monteiro, M. B., & Camino, L. (2009).** “Estudo da validação das escalas de crenças sobre a natureza da homossexualidade e de preconceito contra homossexuais” em *Laboratório de Psicologia*, 7, pp. 21-32.
- Rich, A. (1980).** “Compulsory Heterosexuality and Lesbian Existence”, em *Signs*, 5(4), Women: Sex and Sexuality, pp. 631-660. Recuperado de <http://www.jstor.org/stable/3173834>
- Rodrigues, E., Barone, M. & Russio, M. (2016).** “Primeira campeã gay do UFC, Amanda diz: Incrível, sou feliz comigo mesma”, em *SporTV*. Recuperado de: <http://sportv.globo.com/site/combate/noticia/2016/07/primeira-campea-gay-do-ufc-amanda-diz-incrivel-sou-feliz-comigo-mesma.html>
- Saggese, G. S. R. (2009).** *Quando o armário é aberto: Visibilidade e estratégias de manipulação no coming out de homens homossexuais*. (Dissertação de Mestrado), Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
- Sedgwick, E. K. (2007).** “A epistemologia do armário”, em *Cadernos Pagu*, 28(19), pp. 19-54.
- Schmidt, F. (2019).** “Me vi no texto dele: Atletas LGBT comentam depoimento de Diego Hypólito”, em *UOL Esportes*. Recuperado de: <https://esporte.uol.com.br/listas/atletas-lgbt-comentam-depoimento-de-diego-hypolito.htm>
- Scott, J. (1995).** “Gênero: Uma categoria útil de análise histórica”, em *Educação e Realidade*, 20(2), pp. 71-99.
- Silva, P., Gomes, P. B., & Queirós, P. (2006).** “Educação Física, Desporto e Género: o caminho percorrido na Faculdade de Desporto da Universidade do Porto (Portugal)”, em *Movimento*, 12(1), pp. 31-58.
- Siqueira, F., & Gozzer, T. (2016).** “Gay assumido, Ian Matos não teme ofensas: Ninguém nasce homofóbico”, em *Globo Esporte*. Recuperado de: <http://globoesporte.globo.com/olimpiadas/saltos-ornamentais/noticia/2016/07/homossexual-assumido-brasileiro-dos-saltos-nao-teme-preconceito-nos-jogos.html>

SporTV. (2017). “Não escolhi ser gay, nasceu comigo”, diz Jessica Bate-Estaca”, em *SporTV*. Recuperado de: <http://sportv.globo.com/site/programas/planeta-sportv/noticia/2017/04/nao-escolhi-ser-gay-diz-bate-estaca-que-enfrentara-joanna-jedrzejczyk.html>

Warner, M. (1993). *Fear of a queer planet: Queer politics and social theory.* Minnesota: Minnesota Press.

Notas biográficas



Vivianne Oliveira Gonçalves é Licenciada em Educação Física pela UFG, Mestra em Educação Física pela UNICAMP e Doutora em Ciências da Atividade Física e do Esporte pela Universidad de Castilla-La Mancha (UCLM-Espanha). Professora Adjunto dos cursos de Educação Física e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Jataí (UFJ).

Desenvolve investigação nas áreas Relações de Gênero; Corpo, Sexualidades e Educação. Atua como pesquisadora nos Grupos de Pesquisa Multidisciplinaridade e Saúde, e Núcleo de Estudos Sociedade, Educação e Cultura. Publicações: *Corpo, consumo e cuidados de si na contemporaneidade; Gênero y práctica de ejercicio físico de adolescentes y universitários.*

E-mail: vivianefef@gmail.com



Henrique Pereira é Psicólogo Clínico, especialista em Psicologia Clínica e da Saúde e em Sexologia pela Ordem dos Psicólogos Portugueses e Professor Associado com Agregação de Psicologia Clínica e Sexualidade na Universidade da Beira Interior – UBI, Covilhã (Portugal). É doutorado em Psicologia Clínica, mestre em Psicologia da Saúde e é membro do Centro de Investigação em Ciências da Saúde da UBI. Desenvolve trabalho e investigação na área da Psicologia, Sexualidade, Saúde e Envelhecimento, contando com varias publicações científicas nestas áreas, sendo os mais recentes: *Depression and Quality of Life in Older Gay and Bisexual Men in Spain and Portugal* e *Growing Older Out of the Closet: A Descriptive Study of Older LGB Persons Living in Lisbon, Portugal*.

Email: hpereira@ubi.pt